

* 5 NOV 1991

Sem mágica econômica

Economia - Brasil

O presidente Fernando Collor de Mello parece finalmente convencido de que não existe "forma de mágica econômica" capaz de livrar o País da delicada situação em que se encontra, o que o levou a escolher o ministro adequado às circunstâncias. Efetivamente, o atual titular da pasta da Economia considera que somente poderemos chegar a um ajuste se renunciarmos a choques, que apenas mascaram a hiperinflação que estamos realmente vivendo. Sem dúvida, o exemplo dos "outros" contribuiu para que se chegasse a uma conclusão que há longos anos sempre nos pareceu das mais lógicas.

Em boa hora, assume o compromisso de não recorrer às fórmulas mágicas a que tanto se apegam alguns economistas. Certamente, o governo não escolheu a hiperinflação como remédio, mas decidiu não mais atuar sob o impacto do receio dessa situação, que até agora vinha levando as sucessivas equipes econômicas a tentar adiar o advento da hora da verdade. Não sabemos ainda se real-

mente chegamos ao "fundo do poço", mas admitimos que o País enfrenta um momento em que transparece claramente que os custos de ajustamento (e são grandes...) são menores que aqueles requeridos pelo não ajuste.

Não podemos esperar o ajuste externo para proceder ao interno, como se aquele nada tivesse que ver com este. Hoje temos condições para empreender um ajuste profundo, ainda que à custa de sérios sacrifícios. A comunidade internacional considera um escândalo o fato de ser o Brasil, entre os grandes devedores, o único a não ter regularizado ainda sua situação. Apesar disso, ela está pronta a nos ajudar.

O governo teve a coragem, malgrado uma inflação elevada e crescente, de liberar os preços mantendo apenas supervisão sobre os setores oligopolísticos. Acaba de optar por uma política cambial mais realista, sabendo perfeitamente que os resultados tardarão. Só se espera que o presidente da República não venha a se esquecer do seu compromisso...

ESTADO DE SÃO PAULO